



EAD
PROJEÇÕES

Linguagem e Processos Criativos no Cinema Brasileiro Contemporâneo



Estrutura

Curso: EAD Projeções – Linguagem e Processos Criativos no Cinema Brasileiro Contemporâneo

Área do conhecimento: cultura, arte, cinema, comunicação e política

Forma de oferta: curso livre, disponibilizado na modalidade de educação a distância (EAD)

Abrangência: nacional

Cronograma geral

Inscrições: de 4 a 18 de agosto de 2020

Divulgação dos selecionados: 8 de setembro

Início do curso: 15 de setembro

Fim do curso: 18 de dezembro

Apresentação

O **EAD Projeções** quer provocar reflexões sobre a produção audiovisual contemporânea recente (2015-2019), especialmente nos campos da ficção, do documentário e da autoficção. Além disso, a partir de exercícios práticos de criação e realização, o curso busca estimular o surgimento de projetos e filmes.

O curso é composto de 11 aulas, em que professores propõem reflexões inspiradas em filmes ou sobre eles (ou um subconjunto de filmes). Há ainda encontros virtuais ao vivo com as coordenadoras do curso, exercícios práticos e retorno crítico das atividades propostas.

Importante: os estudantes devem utilizar equipamentos e recursos próprios para a realização dos exercícios práticos, sejam eles aparelhos celulares, câmeras de foto e/ou vídeo, computadores para edição, entre outros. Todos os trabalhos práticos devem também ser realizados em consonância com as orientações sanitárias vigentes no contexto da pandemia do novo coronavírus.



Objetivos

- Realizar uma formação de nível intermediário/avançado com profissionais e estudantes da área audiovisual a fim de promover um olhar crítico sobre a produção atual, bem como estimular a realização de atos criativos.
- Contribuir para a capacitação de profissionais com base na troca de experiências – no âmbito público e/ou privado – entre pessoas de várias regiões do país, buscando na diversidade das realidades locais formação ampla, atualizada e consistente.
- Democratizar o acesso às informações com profissionais nacionalmente reconhecidos por suas atividades nas áreas de conhecimento, valendo-se dos recursos da educação a distância (EAD) como forma de ampliar a capacidade de realização e participação no curso.

Público-alvo

O curso é indicado para profissionais e estudantes – maiores de 18 anos – que tenham alguma formação ou experiência prévia em audiovisual, em especial, roteiristas, diretores, fotógrafos, produtores, estudantes de cinema, críticos, pesquisadores, jornalistas e artistas em geral. O curso foi pensado para auxiliar os alunos a conhecer melhor a produção contemporânea brasileira e desenvolver projetos que conversem com ela, principalmente explorando os diálogos entre o documentário e a ficção.

Carga horária

São 52 horas/aula.

Aproximadamente 12 horas/aula em vídeo, 4 horas/aula ao vivo e 36 horas dedicadas ao desenvolvimento dos trabalhos práticos (exercício e trabalho final).

Duração total: 3 meses

Número de vagas

40

Conteúdo programático resumido

MÓDULO 1: INTRODUÇÃO

Aula 1: Panorama da Produção Contemporânea Brasileira 2010-2019

Docente: Cléber Eduardo

Aula 2: Gênero e Distopia na Ficção Contemporânea

Docente: Ilana Feldman

Aula 3: Lugar de Fala

Docente: Vitor Dicastro

MÓDULO 2: FICÇÃO

Aula 4: Roteiro de Ficção: da Ideia ao Design de Cena

Docente: Moira Toledo

Aula 5: Terror Brasil

Docente: Marta Nehring

MÓDULO 3: DOCUMENTÁRIO

Aula 6: Documentário: da Relevância Temática à Expressão Autoral

Docente: Moira Toledo

Aula 7: Eu Ando pelo Mundo Prestando Atenção: Gravando

Entrevistas para Documentários

Docente: Renata Druck

Aula 8: Tendências do Documentário Contemporâneo

Docente: Ilana Feldman

Aula 9: Cinema Brasileiro Contemporâneo e as Artes Visuais

Docente: André Fratti Costa

MÓDULO 4: AUTOFICÇÃO

Aula 10: Articulações Narrativas em Curta-Metragem:

Interrogar e Expressar

Docente: William Hinestrosa

Aula 11: Estudando Cinemas Negros no Brasil

Docente: Juliano Gomes



Conteúdo programático detalhado

Veja a página 8. [Clique aqui.](#)

Etapas do curso

15 de setembro: acesso aos quatro módulos

de 15 a 17 de setembro (data a confirmar): aula virtual ao vivo com orientações sobre o exercício prático e o trabalho final

14 de outubro: entrega do exercício prático

6 de novembro: envio aos alunos de feedback do exercício prático

de 10 a 12 de novembro: aula virtual ao vivo com apresentação do trabalho final e espaço para dúvidas

de 15 a 18 de dezembro: envio de feedback aos alunos, juntamente com o certificado de final de curso e aula virtual ao vivo para encerramento

Critério de seleção

A comissão de seleção é formada pela coordenação do curso e por colaboradores do Itaú Cultural (IC), e vai selecionar até 40 participantes, levando em consideração: 1) a adequação da proposta do curso às expectativas apresentadas na carta de interesse e em demais informações enviadas pelo candidato; 2) a formação de um grupo diversificado no que diz respeito às questões de raça, etnia, gênero e representação geográfica, uma vez que o IC deseja selecionar participantes de todas as regiões do país. A comissão de seleção tem total e absoluta autonomia, e suas decisões são soberanas, não sendo passíveis de nenhum tipo de recurso. As questões eventualmente não previstas neste regulamento serão avaliadas e decididas exclusivamente a critério do Itaú Cultural.



Sistemas de avaliação e controle de frequência

A visualização dos conteúdos e a realização de todas as atividades propostas são obrigatórias para que o aluno obtenha o certificado de conclusão do curso. A participação nos fóruns de debates será estimulada, ampliando diálogos sobre o conteúdo programático. Os relatórios quantitativos de acompanhamento de acesso ao curso e participação nos fóruns serão gerados pelo sistema administrador da plataforma.

Além de assistir às aulas, os alunos deverão responder questões propostas por aula e realizar um exercício prático e um trabalho final, que pode ser teórico e/ou prático.

Certificação

Será outorgada uma certificação on-line aos alunos que assistirem a 100% das aulas e cujas atividades, exercício prático e trabalho final tenham sido entregues e avaliados pela equipe do projeto.

Equipe técnica

Coordenação-geral: Núcleo de Audiovisual e Literatura (Itaú Cultural)

Coordenação de conteúdo: Moira Toledo e Renata Druck

Coordenação pedagógica e curadoria da mostra on-line: Moira Toledo

Produção: Camila Fink e Julia Sottili

Corpo docente: André Fratti Costa, Cléber Eduardo, Ilana Feldman, Juliano Gomes, Marta Nehring, Moira Toledo, Renata Druck, Vitor Dicastro e William Hinestrosa

ITAÚ CULTURAL

Presidente: Alfredo Setubal

Diretor: Eduardo Saron



NÚCLEO DE AUDIOVISUAL E LITERATURA

Gerência: Claudiney Ferreira

Coordenação: Kety Fernandes Nassar

Produção: Amanda Lopes (estagiária), Camila Fink e Júlia Sottili

Interpretação em Libras: FFomin Acessibilidade e Libras (terceirizada)

Edição de acessibilidade: Assum Filmes (terceirizada)

CINEMA ELÉTRICO (terceirizada)

Produção e direção: Renata Druck

Supervisão de conteúdo: Moira Toledo

Pesquisa: Enrico Alchimim

Direção de fotografia e câmera: Francisco Orlandi Neto

Som direto: Gabriel Marzinotto

Logger e assistência de câmera: Yale

Edição e finalização: Bruno Horowicz Rezende

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO

Gerência: Ana de Fátima Sousa

Coordenação: Carlos Costa

Produção: Pamela Rocha Camargo

Design e projeto gráfico: Guilherme Ferreira

Edição: Heloísa Iaconis

Revisão: Karina Hembra (terceirizada) e Polyana Lima

NÚCLEO DE INOVAÇÃO

Coordenação: Fernando Oliveira

Desenvolvimento: CodeBit (terceirizada) e Ítalo Giroto

Suporte técnico: CodeBit (terceirizada)

Conteúdo programático detalhado

MÓDULO 1: INTRODUÇÃO

Aula 1: Panorama da Produção Contemporânea Brasileira 2010-2019

Ementa: A aula pretende fazer um balanço histórico do cinema brasileiro desde a década de 1990 até os dias de hoje, passando pela retomada e chegando ao atual contexto de descentralização da produção audiovisual no Brasil.

Serão investigadas as experiências dos estados de maior destaque durante esse período, a saber: São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará, e o caso de Adirley Queirós no Distrito Federal.

Docente: Cléber Eduardo

Graduado em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), é professor, desde 2008, das áreas do conhecimento teóricas e práticas de cinema, com ênfase em documentário e cinema brasileiro, no curso de bacharelado em audiovisual do Centro Universitário Senac. Atua também como curador de projetos para Lab do DOC SP desde 2015.

Foi curador, entre 2007 e 2019, da Mostra de Cinema de Tiradentes e membro da comissão de seleção das mostras de cinema CineOP e Cine BH, realizadas pela Universo Produção. De 1992 a 1997 atuou como crítico de cinema do jornal *Diário Popular*; de 1998 a 2006 exerceu a mesma função na revista *Época*. Colaborou em outros veículos, entre eles o *Correio Braziliense* e a revista *Bravo*, além de ter sido crítico da revista *Contracampo*, de 2002 a 2006, e editor da revista *Cinética*, de 2006 a 2010.



Atua, principalmente, nos seguintes temas: cinema brasileiro, documentário, teoria e crítica, e cinemas transnacionais e latino-americanos. É diretor, roteirista e montador do curta *Almas Passantes – um Percurso com João do Rio e Charles Baudelaire* (2005) e roteirista e diretor do curta *Rosa e Benjamin* (2008), premiado pelo edital da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Ambos os trabalhos foram realizados em parceria com Ilana Feldman. É autor de artigos publicados em livros, entre os quais *Nova História do Cinema Brasileiro* (2018), e em catálogos de mostras.

Aula 2: Gênero e Distopia na Ficção Contemporânea

Ementa: O cinema brasileiro contemporâneo tem vivido, nos últimos anos, uma retomada dos filmes de gênero, produzindo hibridizações, deslizamentos e contaminações entre os gêneros cinematográficos tradicionais – que estão no coração da indústria (como o western, a ficção científica, o terror e o melodrama) – e um cinema de marca autoral. Mas o que é um gênero? O gênero é instrumento, a um só tempo, de standardização e diferenciação; é sistema de orientações, expectativas e convenções que circulam entre a indústria, o texto fílmico e o sujeito espectador; e é encontro negociado entre cineastas e público, sempre aberto à reconfiguração, pois os gêneros cinematográficos têm, ao longo da história do cinema, funcionado como um “ritual cultural” de integração de uma comunidade conflitual.

Nesse contexto, destaca-se um cinema brasileiro marcadamente alegórico, que internaliza a crise política e social em sua construção formal e aponta para um horizonte distópico, por meio da mobilização das mais diversas misturas de gênero cinematográfico. Exemplos disso são produções como *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, híbrido de western, ficção científica e fábula política; *Branco Sai, Preto Fica* (2014) e *Era Uma Vez Brasília* (2017), de Adirley Queirós, híbridos de documentário e ficção científica; *Divino Amor* (2019), de Gabriel Mascaro, híbrido de drama realista e ficção distópica; *Trabalhar Cansa* (2011) e *As Boas Maneiras* (2018), de Juliana Rojas e Marco Dutra, híbrido de terror e drama social.



Em resumo: seria o hibridismo de gênero no cinema brasileiro recente uma forma de alegoria política do Brasil contemporâneo? E, diferentemente de nossa tradição alegórica utópica, marca do cinema novo, estaríamos vivendo a era da distopia no cinema brasileiro?

Docente: Ilana Feldman

É pós-doutora em teoria literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutora em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). No Departamento de Filosofia, Artes e Estética da Universidade Paris 8 desenvolveu a tese “Jogos de Cena: Ensaio sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo”. É mestre em comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduada em cinema pela mesma universidade. Realiza atualmente pós-doutorado na ECA/USP, com pesquisa interdisciplinar sobre testemunho, trauma, luto e autobiografia, entre cinema, literatura e cultura.

Aula 3: Lugar de Fala

Ementa: O audiovisual vem sendo produzido, histórica e majoritariamente, por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, de classe média ou alta, de modo que tudo, ou quase tudo, o que já vimos nos filmes e nas TVs partiu de pessoas que têm um lugar de fala bem semelhante entre si.

A partir da democratização do acesso ao estudo (via cotas) e à produção (via editais inclusivos), outras vozes, que ocupam outros lugares de fala, podem ser vistas e ouvidas na cultura e, especialmente, no cinema.

Mas, afinal, o que é lugar de fala? Que outros lugares de fala são esses?

**Docente: Vitor Dicastro**

Ator e videomaker, formado em artes cênicas com especialização em humor, encontrou nas redes sociais uma forma de expor seu trabalho. A partir da união com a página Quebrando o Tabu, garantiu seu espaço como ativista político, defendendo causas importantes como direitos humanos em geral e, principalmente, os direitos LGBTQ+.

MÓDULO 2: FICÇÃO**Aula 4: Roteiro de Ficção: da Ideia ao Design de Cena**

Ementa: A partir do universo temático e estético deste curso, bem como de sua curadoria, a aula busca apresentar uma série de estratégias úteis ao trabalho do roteirista/cineasta, como:

- disparadores temáticos (técnica do campo da escrita criativa);
- estudos de caso de processos criativos;
- técnicas de construção narrativa (design de ato e cena, pontos de virada, *beats* de diálogo/roteiro e *plot twists*);
- a importância do ponto de vista narrativo na etapa de escrita do roteiro de ficção.

Docente: Moira Toledo

Roteirista, diretora e professora, é bacharel em cinema pela Fundação Armando Alvares Penteado (Faap/SP), mestre em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutora em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dirigiu diversos curtas-metragens ficcionais, programas documentais e médias-metragens para TV, e há 21 anos atua como desenvolvedora, professora e/ou coordenadora em projetos de educação audiovisual. Atualmente é coordenadora pedagógica do projeto Minuto Escola e professora da graduação em comunicação da Faap, além de lecionar nos cursos de pós-graduação de roteiro e escrita criativa da mesma instituição.



Aula 5: Terror Brasil

Ementa: A aula equaciona o conceito de gênero cinematográfico como modelo de comunicação capaz de se combinar em variáveis infinitas, ao mesmo tempo que averigua a relação entre gênero, estrutura e tema.

Nesta aula, serão aprofundados os seguintes tópicos: o que são os gêneros e como surgem, se estabelecem, evoluem e se combinam, distinguindo-se os ditos cinematográficos de formas mais abrangentes relativas também a outras estruturas narrativas, como melodrama, drama, tragédia e paródia.

Para entender a produção brasileira contemporânea, serão investigados: a tradição em que cineastas se inspiram, de onde eles tiram as referências (não só para as histórias mas também para o estilo cinematográfico), e em qual contexto político, social, ambiental e econômico estão inseridos como duplo ideológico.

Docente: Marta Nehring

Mestre em teoria literária pela Universidade de São Paulo (USP), doutora em cinema pela mesma instituição e professora de roteiro na Academia Internacional de Cinema (AIC) e de linguagem audiovisual tanto no Barco quanto na Fundação Armando Alvares Penteado (Faap/SP). Atua também como publicitária e *ghost writer*. Ganhou prêmios com o documentário *15 Filhos* (2013) e com o roteiro do longa *Eu, Eu, Eu José Lewgoy* (2016). Entre outros trabalhos de roteiro e *script-doctoring*, colaborou nas novelas *Tititi* (2010), *Sangue Bom* (2013) e *A Lei do Amor* (2016), de Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari. Também na TV roteirizou *Mil Dias – a Saga da Construção de Brasília* (2018), série do canal History, indicada ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro de 2019 como Melhor Série Documental Brasileira. É roteirista do longa *Tudo que Aprendemos Juntos* (2015).

MÓDULO 3: DOCUMENTÁRIO

Aula 6: Documentário: da Relevância Temática à Expressão Autoral

Ementa: O curso se debruça sobre a riqueza e a diversidade expressiva da linguagem documental, apresentando aos novos realizadores um campo de trabalho marcado por criatividade formal e relevância temática.

Oferece também um arcabouço de diferentes experiências no campo documental ao longo da história do cinema, ao demonstrar a amplitude de temas que podem ser tratados em um documentário e como é possível escolher um recorte que potencialize a história que se deseja contar.

Apenas um tema, porém, não faz um documentário. Assim, a segunda parte da aula propõe uma reflexão acerca das diferentes formas possíveis de ataque ao objeto escolhido. Partindo da taxonomia proposta por Bill Nichols em seu icônico (ainda que algo contestado) livro sobre a prática documental, serão investigados os diferentes modos documentais tais como propostos pelo autor e como eles podem ser úteis ao aluno na hora de pensar o próprio documentário.

Docente: Moira Toledo

Roteirista, diretora e professora, é bacharel em cinema pela Fundação Armando Alvares Penteado (Faap/SP), mestre em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutora em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dirigiu diversos curtas-metragens ficcionais, programas documentais e médias-metragens para TV, e há 21 anos atua como desenvolvedora, professora e/ou coordenadora em projetos de educação audiovisual. Atualmente é coordenadora pedagógica do projeto Minuto Escola e professora da graduação em comunicação da Faap, além de lecionar nos cursos de pós-graduação de roteiro e escrita criativa da mesma instituição.



Aula 7: Eu Ando pelo Mundo Prestando Atenção: Gravando Entrevistas para Documentários

Ementa: Para conduzir bem uma entrevista é importante saber perguntar, mas, principalmente, é importante saber escutar. Exercitar uma boa escuta, porém, não é fácil. É preciso reformular a pauta na hora, ir e voltar em um assunto sem ter medo de errar ou de parecer ingênuo, pedir ao entrevistado que explique melhor ou resuma; deixar a fala do outro acontecer no seu ritmo, torcendo para que o entrevistado, de alguma forma, surpreenda.

A primeira parte da aula, denominada Recortes ou Modos de Aproximação do Entrevistado, traz uma classificação em que propõe cinco tipos de entrevista com as características e as diferentes abordagens de cada uma. A segunda, Preparando uma Entrevista, se debruça sobre os detalhes que envolvem a preparação e a produção de uma entrevista, além dos cuidados que são importantes na hora da gravação.

Docente: Renata Druck

Formada em cinema, dedica-se à realização de documentários como os premiados *Nasceu o Bebê Diabo em São Paulo* (2002), sobre três lendas urbanas paulistas, e *Um Rio Invisível* (2009), sobre a intervenção urbana *Pets*, do artista plástico Eduardo Srur. Atua em diversos campos e formatos do audiovisual, e, assim, desde 1998 em televisão, por exemplo, dirige vários programas para TVs a cabo (Canal Futura, GNT, entre outros). Em 2010 e 2011, dirigiu a série *É a Vovozinha!* (2011), vencedora do Pitching Gênero Feminino TV Brasil, veiculada no mesmo canal. Também dirigiu e roteirizou as séries *Projeções* (2016) e *Palavras Permanecem* (2018), transmitidas no Canal Curta!.

Aula 8: Tendências do Documentário Contemporâneo

Ementa: O documentário brasileiro contemporâneo tem vivido, desde meados dos anos 2000, um período de efervescência cultural notável, realizando-se na indeterminação entre autenticidade e encenação, pessoa e personagem, vida e cena. Isso pode ser visto, por exemplo, em *Jogo de Cena* (2007), de Eduardo Coutinho, e *Santiago* (2007), de João Moreira Salles, em que a opção pela forma ensaio, construída de modo bastante singular em cada uma das obras, visava interrogar as noções de autêntico, verdadeiro e não encenado, pondo sob suspeita não apenas o filme e seus procedimentos, mas a própria ideia de documentário.

Se *Jogo de Cena* e *Santiago* são filmes que se tornaram paradigmáticos do atravessamento das fronteiras entre a ficção e o documentário no cinema brasileiro recente, inúmeras outras obras vieram na esteira das experimentações dos dois cineastas veteranos, produzindo com isso efeitos estéticos e políticos desestabilizadores. Esses filmes destilam dúvidas a respeito da imagem documental, perturbam a crença do espectador naquilo a que ele está assistindo e estilham a ideia de autenticidade, verdade e espontaneidade, tão comumente remetida ao campo do documentário, solicitando do espectador outro tipo de engajamento crítico e posição reflexiva. Por isso cabe retomar a pergunta de Ismail Xavier em artigo seminal sobre o cinema de Coutinho e a construção de suas personagens “modernas”, após a realização de *Edifício Master* (2002): “Reconhecimento definitivo do documentário como um jogo de cena?”.

Nesse panorama em que os trânsitos entre a ficção e o documentário estão tanto na pauta do audiovisual contemporâneo quanto no âmbito da própria vida cotidiana, atravessada por todo tipo de encenação de si e performance para as câmeras, o documentário brasileiro contemporâneo levaria, portanto, ao questionamento: o que eu vejo na tela? Realidade, verdade, pós-verdade, manipulação, ficção ou tudo ao mesmo tempo? Questões que, de acordo com o crítico Jean-Louis Comolli, pertenciam apenas ao cinema, mas que, diante deste mundo-espetáculo em que vivemos, se tornaram da maior importância, dizem respeito a todos nós.

**Docente: Ilana Feldman**

É pós-doutora em teoria literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutora em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). No Departamento de Filosofia, Artes e Estética da Universidade Paris 8 desenvolveu a tese “Jogos de Cena: Ensaio sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo”. É mestre em comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduada em cinema pela mesma universidade. Realiza atualmente pós-doutorado na ECA/USP, com pesquisa interdisciplinar sobre testemunho, trauma, luto e autobiografia, entre cinema, literatura e cultura.

Aula 9: Cinema Brasileiro Contemporâneo e as Artes Visuais

Ementa: Tem sido cada vez mais usual olhar a produção recente de filmes brasileiros tomando como base as relações construídas com o universo da sensibilidade contemporânea, seja em relação às questões políticas, de representatividade social, étnica e de gênero, seja em relação às formas como as outras artes compreendem e representam o mundo.

Cada vez que um filme brasileiro recente vai nessa direção e abandona as referências mais tradicionais das formas cinematográficas para poder dar conta dessas questões, de fato ele acaba trazendo uma nova experiência, um novo modo de o cinema existir no mundo.

Docente: André Fratti Costa

Cineasta, docente universitário de cinema e artes visuais, é professor da pós-graduação em documentário na Fundação Armando Alvares Penteado (Faap/SP) e mestre em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Diretor de diversos filmes documentais premiados, é idealizador, curador e diretor artístico do Move Cine Arte, festival internacional de filmes sobre arte que acontece em São Paulo, Veneza



e Paris. Especialista em avaliação de projetos cinematográficos, atuou em editais do Ministério da Cultura (MinC) e da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Foi o cineasta homenageado do Festival ArchCine de 2016, no Rio de Janeiro, e recebeu, no mesmo ano, mostra especial de seus filmes na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória (ES), e na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), em Laguna (SC), em 2017.

MÓDULO 4: AUTOVICIÇÃO

Aula 10: Articulações Narrativas em Curta-Metragem: Interrogar e Expressar

Ementa: O senso comum destaca o curta-metragem como uma narrativa que conseguiu elaborar uma síntese de forma criativa e bem estruturada.

A partir da vivência em curadorias e programações de festivais, além de acompanhar mostras e festivais pelo Brasil, é possível identificar que, no entanto, o curta se caracteriza não apenas pela síntese, mas também por sua capacidade de articular elementos narrativos de forma a produzir eficiência. É claro que, em qualquer produto audiovisual, independentemente de sua duração, é necessário que a articulação de seus processos narrativos seja eficiente. Mas o que é possível identificar no curta é o fato de essa articulação manter uma tensão mais agressiva com o tempo, com a duração. E isso não é uma questão de síntese.

Neste curso, serão estudadas essas articulações por meio de obras que se lançam em questões inerentes ao real, com sensibilidades estéticas que fortaleceram seus discursos, promovendo distintas e expressivas reflexões sobre o real.

**Docente: William Hinestrosa**

Formado em filosofia, atualmente é doutorando em artes visuais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde desenvolve pesquisas em narrativas de curtas-metragens. É mestre em artes visuais pela mesma instituição, com uma pesquisa sobre curta-metragem e memória nas obras dos diretores Cláudio Marques e Marília Hughes. Trabalha desde 2016 como pesquisador de talentos criadores na área de entretenimento dos Estúdios Globo, acompanhando e mapeando a produção brasileira de audiovisual de todas as durações e janelas, tanto em ficção quanto em não ficção. Participou, entre 2005 e 2014, da Associação Cultural Kinoforum nas seguintes atividades: coordenador dos Programas Brasileiros e membro do comitê de seleção do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo; e coordenador de pesquisa de conteúdo para o Guia Kinoforum de Festivais de Cinema e Vídeo. Foi professor na Escola Livre de Cinema de Santo André e no Centro de Audiovisual de São Bernardo, entre 2012 e 2016.

Aula 11: Estudando Cinemas Negros no Brasil

Ementa: A aula investiga os cruzamentos entre vetores de racialidade e o cinema brasileiro contemporâneo, nas suas dimensões estéticas, técnicas, temáticas e conceituais. Junto a uma recente filmografia, será feita uma breve exploração de algumas linhas de força desse cinema, atualmente em plena ebulição no Brasil, a saber:

- a ideia de cinema negro;
- emergência recente de uma nova geração de pessoas negras na direção;
- estudos de caso: movimento Dogma Feijoada e seus manifestos (SP); produtora Filmes de Plástico (MG); produtora Rosza Filmes (BA); e Yasmin Thayná e *Kbela* (RJ).



Docente: Juliano Gomes

Crítico e professor, é editor da revista *Cinética*, em que escreve desde 2010. Publicou em veículos como *Filme&Cultura*, *Folha de S.Paulo*, *piauí* e em diversos catálogos de mostras e festivais. Fez parte dos júris das mostras Tiradentes, Cachoeira Doc e Fronteira. Leciona regularmente na Academia Internacional de Cinema (AIC). Sobre teatro, escreveu na revista *Horizonte da Cena* e, sobre música, no catálogo do festival Novas Frequências, além de apresentar dois discos de Romulo Fróes. É mestre em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com dissertação sobre Jonas Mekas. Dirigiu com Léo Bittencourt os curtas *As Ondas* (2016) e ... (2007).